NO TEMPO DA MINHA AVÓ: REFLEXÃO E USO DA HISTÓRIA ORAL EM SALA DE AULA

Juliana de Oliveira Meirelles Camargo
Universidade Candido Mendes/ Instituto Prominas
e-mail: Ju_meirelles@yahoo.com.br

Léa Mattosinho Aymoré
Universidade Estadual Paulista, Assis/SP
e-mail: leaaymoré@yahoo.com.br

Pôster

Relato de Experiência

Introdução

Este resumo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida em sala de aula com alunos de 6º ano envolvendo as disciplinas de História e Língua Portuguesa da EMEF "Santa Maria". O trabalho foi fruto de uma necessidade que permeia a disciplina de História em todos os níveis da relação de ensino-aprendizagem, que é a reflexão sobre a natureza e o uso das fontes históricas. A análise das fontes históricas constitui a essência do trabalho do historiador. Não há trabalho histórico sem fontes seja ela de qualquer espécie. Entendemos por fontes toda a documentação que compõe a obra histórica, sejam elas escritas ou não. As fontes são, com efeito, o único elo dos historiadores com os antepassados. Sem fontes, portanto, não há história. É preciso saber a localização e "espécies" de documentos que poderão se tornar fontes, e o mais importante, saber dialogar com elas, saber questioná-las. Lucien Febvre, um dos fundadores da Escola dos Annales[1], na primeira metade do século XX já nos chamava a atenção para a questão da multiplicidade da documentação histórica.

> A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos

> escritos se não existirem [...] Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e com arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante a sua presença, atividade, gostos e maneira de ser (FEBVRE, 1949, p. 428).[2]

É nessa vertente de pensamento historiográfico que se baseia o trabalho desenvolvido pelos alunos, que é o uso da história oral, para a obtenção de fontes históricas. A reflexão se apoiou na leitura de diversos relatos de vida presentes na obra de Ecléa Bosi *Memória e sociedade: lembrança de velhos,* publicada pela primeira vez em 1979. A obra é até hoje é uma das mais influentes sobre o uso da historia oral como metodologia histórica. A partir desse estudo preliminar verificou-se um crescente interesse dos alunos em realizar um trabalho que envolvesse o resgate da memória de parentes e conhecidos mais velhos e que culminou com a realização das entrevistas e que resultou na elaboração de um livro, que nada mais é do que uma coletânea com esses depoimentos.

Metodologia

A contribuição trazida pelo pensamento do sociólogo Maurice Halbwachs é muito proveitosa, pois ele confere à memória um aspecto social e desconsidera a possibilidade da memória ser puramente individual. Em sua obra, ele define memória como “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado, somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do gripo que a mantém” (Halbwachs, 1990, p.81-82).[3]

Halbwachs considera função do historiador, salvar as lembranças e restabelecer a continuidade da narrativa, pois para ele as imagens das experiências passadas dependeriam do suporte de um grupo para serem sempre atualizadas. Essas considerações ficam mais claras quando ele faz a seguinte afirmação “na memória estão todos os acontecimentos que recordo, seja por experiência própria ou pelo testemunho alheio” (Halbwachs, 1990, p. 259).[4]

As reflexões de Halbwachs sobre a questão da memória servem de complemento às considerações que o filósofo Henri Bergson, um contemporâneo seu, já havia desenvolvido sobre o tema. Para ele a memória compõe-se da totalidade das experiências passadas, conservadas no inconsciente e que interferem e interagem com o presente. Esse processo de recuperação das experiências passadas seria dinâmico, no qual, uma imagem estaria associada à outra e isso seria variável de um indivíduo para outro, daí a diversidade das recordações em expectadores de um mesmo evento.[5]

Tomados os devidos cuidados no tratamento de uma fonte histórica tão específica como a memória, as entrevistas puderam ser realizadas, discutidas e exploradas pelos alunos, que estabeleceram relações com seu cotidiano, indicando diferenças e semelhanças no modo de vida das pessoas de décadas atrás, em relação ao modo de vida que temos hoje. Essa análise levantou questionamentos sobre o processo histórico pelo qual passou nossa sociedade nas últimas décadas, pois os aspectos mais observados pelos alunos na análise das entrevistas foram o progresso tecnológico, o estabelecimento da vida num ambiente urbano, o acesso a bens de consumo, as mudanças na relação com os familiares e em relação a própria estrutura familiar. As mudanças são perceptíveis ao analisarmos essa fonte histórica particular, que é ao mesmo tempo coletiva, e que funciona como um microcosmo da vida em sociedade numa determinada época.

Resultados e discussões

Após discussão envolvendo alunos e professores, ficou definido que as entrevistas seriam realizadas com parentes e conhecidos, com idade superior a 40 anos, faixa etária dos avós de vários alunos. Também ficou definido o roteiro básico das entrevistas e a necessidade de conservar a fidelidade das respostas, de forma a validar o trabalho historiográfico. O roteiro elaborado pelos alunos contemplou os seguintes itens: nome da pessoa entrevistada, local e data de nascimento, informações sobre o local em que o entrevistado passou a infância, tais como, familiares e amigos com os quais convivia, brincadeiras, acesso à escola e à leitura de livros, cuidados médicos a que tinha acesso, meios de transporte existentes na época, acesso a bens de consumo, atividades de lazer praticadas, entre outros.

Para a elaboração do roteiro e realização das entrevistas foi de fundamental importância o trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa a respeito dos diferentes gêneros textuais, pois a entrevista é considerada um gênero basicamente oral, mesmo que ela seja transcrita posteriormente, e que carrega consigo as marcas da oralidade e da interação entre os interlocutores.[6] Os alunos tiveram aproximadamente um mês para a realização das entrevistas, que foram compartilhadas e discutidas em grupo. Com a análise dos resultados, os alunos puderam perceber as singularidades desse objeto de estudo, que envolvem as memórias de alguém sobre sua vida, que não é meramente um testemunho pessoal que o entrevistado pode acessar num dado momento, pois a memória nunca é estritamente particular ou imutável, pois os indivíduos estão inseridos numa coletividade, que se interpõe e altera a visão que se tem daquilo que passou. E compreenderam que a memória não é algo "puro" e isento, cristalizado no tempo, pois o modo como olhamos nosso passado é influenciado permanentemente pelo presente.

Considerações finais.

O trabalho de história oral desenvolvido com os alunos foi muito bem sucedido, pois motivou e envolveu o grupo para a reflexão sobre os diversos tipos e usos de gêneros textuais. Ele também serviu de válvula motivadora para a investigação histórica em si, pois alimentou o interesse em conhecer um pouco mais sobre a vida de indivíduos que viveram em outras épocas e suas relações com a sociedade atual. Sendo esse, um dos principais objetivos do ensino da História, conhecer o processo histórico e estabelecer suas implicações com o presente.

O estudo da obra de Ecléa Bosi foi de fundamental importância para alicerçar o trabalho com os alunos, pois os depoimentos ali presentes despertaram não somente a curiosidade para saber mais sobre a vida das pessoas numa outra época, mas também a afetividade por parte dos alunos em relação aos idosos entrevistados para o livro de Bosi, que os preparou para o trabalho que teriam pela frente em relação aos seus próprios entrevistados.

Por fim, a análise das entrevistas e de suas especificidades só foi possível mediante uma investigação sobre o próprio conceito de memória. Uma reflexão que

está longe de considerar a memória algo estritamente particular, puro ou cristalizado no tempo, mas sujeita às variações do espectro social e temporal.

PALAVRAS-CHAVE: memória; oralidade; entrevista.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia:** A Escola dos Annales (1929-1989). 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

PELEGRINA, Gabriel Ruiz. **Memórias de um ferroviário.** Bauru: EDUSC, 2000.

PORTUGUÊS: o seu sitio da língua portuguesa.Gêneros textuais. A entrevista: um gênero basicamente oral. Disponível em: <http://www.portugues.com.br/redacao/a-entrevista--um-genero-basicamente-oral-.html> . Acesso em: 11 mar. 2015.

[1] A Escola dos Annales foi um amplo movimento de renovação da historiografia francesa no século XX, que propôs novos objetos, novos problemas e novas abordagens na pesquisa histórica. O movimento se organizou a partir da fundação da revista Annales d'histoire économique et sociale (em português, *Anais de História Econômica e Social*), pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929 e ganhou importância nas décadas seguintes contribuindo para a formação de inúmeros historiadores e se constituindo como um dos principais pilares da Nova História Cultural.
[2] Apud: LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 107.
[3] Apud: PELEGRINA, Gabriel Ruiz. Memórias de um ferroviário. Bauru: EDUSC, 2000, p. 14.
[4] Ibid. p. 12.
[5] Idem.
[6] PORTUGUÊS: o seu sitio da língua portuguesa.Gêneros textuais. A entrevista: um gênero basicamente oral. Disponível em: <http://www.portugues.com.br/redacao/a-entrevista--um-genero-basicamente-oral-.html> . Acesso em: 11 mar. 2015.